

## O RISO EM ISOLAMENTO: QUE GRAÇA TEM?

Ana Lucia Martins Soares (AnaAchcar) (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO)<sup>1</sup>

AntonioValladares Díez (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO)<sup>2</sup>

Camila Barra de Almeida (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO)<sup>3</sup>

Elisa Socorro Cavalcante Botelho Neves (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO)<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente estudo aborda a questão da produção do riso em tempos pandêmicos a partir da atuação do palhaço em hospital via plataforma digital e das experiências laboratoriais do grupo de estudos Jogo de Palhaço na Quarentena, realizado com estudantes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A investigação realizada no âmbito das atividades de ensino do programa de formação para palhaços de hospital Enfermaria do Riso, entre abril e outubro de 2020, partiu do questionamento “É possível rir em tempos de isolamento?”, e dos desdobramentos que a situação mundial de confinamento social trouxe na, e para a atuação/criação dos estudantes palhaços. Como podemos seguir na relação com os pacientes infantis internados, mediados pelas plataformas digitais, onde espaço e tempo parecem estar separados, justamente o reverso de um dos princípios essenciais da interlocução presencial, aqui e agora? Na busca por estratégias de continuidade da ação artística, o estudo realiza o levantamento e o cruzamento das soluções encontradas por grupos e organizações de palhaços de hospital no Brasil e em Portugal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Riso. Palhaço. Pandemia. Plataforma digital. Hospital.

### RESUMÉ

Cette étude aborde la question de la production du rire en temps de pandémie à partir du jeu de clown dans l'hôpital à travers la transmission en ligne et à partir des expériences comiques digitales au groupe d'études Jeu du Clown en Quarantaine, avec la participation des étudiants de l'Université Fédérale de l'État de Rio de Janeiro (UNIRIO). La recherche menée dans le cadre des activités pédagogiques du programme de formation pour clowns de l'hôpital Enfermaria do Riso, entre avril et octobre 2020, était basée sur la question « Est-il possible de rire en période d'isolement ? », et sur les conséquences de la situation globale d'enfermement social apportée à et pour la performance/création des élèves clowns. Comment poursuivre la relation avec les enfants patients hospitalisés, médiatisée par les réseaux sociaux, les plateformes digitales, où l'espace et le temps semblent séparés, justement à l'inverse d'un des principes essentiels du face-à-face, l'ici et le maintenant ? À la recherche de stratégies pour la continuité de l'action artistique, l'étude recense et croise les solutions trouvées par des groupes et des organisations de clowns hospitaliers au Brésil et au Portugal à travers des entretiens avec leurs artistes clowns..

**MOTS-CLÉS :** Rire. Clown. Pandémie. Plateforme digital. Hôpital.

---

<sup>1</sup> Professora Associada 4, 40 h DE. Atriz, palhaça, pesquisadora e diretora de teatro.

<sup>2</sup> Estudante formando da graduação de Bacharelado em Atuação Cênica, bolsista de Iniciação Artística e Cultural. Ator, palhaço, performer e pesquisador.

<sup>3</sup> Estudante da graduação de Licenciatura em Ensino do Teatro, bolsista de Extensão. Atriz, palhaça, professora e pesquisadora.

<sup>4</sup> Estudante da pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC). Atriz, palhaça e pesquisadora.

Nos últimos trinta anos os palhaços vêm expandido sua atuação para muito além dos limites da cena e do picadeiro. Entraram nos hospitais, voltaram às ruas e às feiras, invadiram congressos e reuniões empresariais, estão contemplados nos conteúdos programáticos de disciplinas acadêmicas, são tema de inúmeras pesquisas em pós-graduação, organizam seminários e festivais. Sem falar na disseminação dos cursos livres de jogo de *clown*, *workshops* intensivos, grupos do riso, todo tipo de oferta que visa atingir desde os profissionais em formação àqueles que desejam companhia, autoconhecimento, socialização. Hoje, os palhaços estão *online*!

Os palhaços são também palhaças, palhaços, palhaçxs! O reconhecimento da derrisão fruto das opressões de gênero, o questionamento das piadas racistas e/ou homofóbicas, avança passos largos sobre a dramaturgia do cômico, forçando revisões das narrativas e *gags* tradicionais, nos obrigando a novo olhar sobre o poder dos corpos e sua comicidade. Como estamos produzindo riso, atualmente, através das nossas palhaçadas? Do que estamos rindo? Esta foi a primeira pergunta que se colocou para o Grupo de Estudos Palhaços na Quarentena desenvolvido no Programa Enfermaria do Riso/UNIRIO<sup>5</sup> através de encontros via plataforma digital Zoom, entre abril e outubro de 2020 em plena pandemia da COVID-19 e o consequente isolamento social a que todos fomos obrigados.

Nossos estudos da produção do riso e da palhaçada em tempos pandêmicos geraram experiências laboratoriais de cenas audiovisuais que procuraram explorar os mecanismos de comicidade, buscando referências nas apresentações e análises do fenômeno do cômico propostas por Marco de Marinis (1997), Vladimir Propp (1992) e Henri Bergson (2001) entre outros, na tentativa de compreender quais desafios se colocam para o jogo do palhaço, apartado momentaneamente do contato presencial e

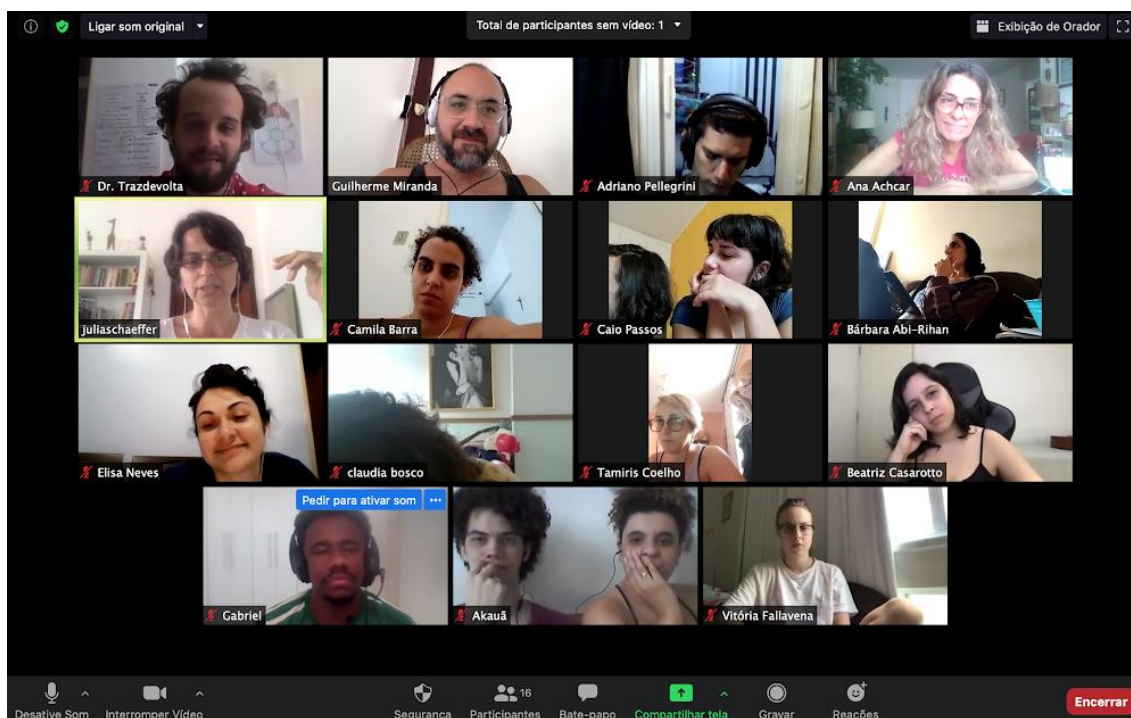
---

<sup>5</sup>O Programa Enfermaria do Riso tem como ação principal a formação de palhaços para a atuação em hospitais. Desde 1998 o Programa desenvolve na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) ações de extensão, cultura e saúde. As atuações nos hospitais são realizadas em duplas de palhaços/estudantes no Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (HUGG). O Programa abriga projeto de ensino que oferta 04 disciplinas optativas no Curso de Bacharelado em Atuação Cênica e desenvolve projeto de pesquisa que investiga pedagogias de formação e criação para o ator através da palhaçada. O Programa propõe ainda O Riso na Saúde, conjunto de oficinas de palhaço para discentes de Medicina e Enfermagem e profissionais de Saúde; e o Projeto Espetáculos, que consiste na criação e apresentação de exercícios cênicos para palhaços. O espetáculo *PalhaSOS*, venceu o Prêmio de Melhor Espetáculo no 14º FITU na Tunísia e o Prêmio do Público e de Reconhecimento dos Profissionais no 12º FIESTA, na Rússia. O Programa participa de diversas ações internacionais na França, Canadá, Hungria, Israel e Portugal.

<https://www.instagram.com/enfermariadoriso/>  
<https://www.facebook.com/enfermariadoriso>  
[www.enfermariadoriso.com.br](http://www.enfermariadoriso.com.br)

direto com seu interlocutor. Conduzidos por dispositivos investigativos sugeridos nas noções de quebra de padrão tais como o exagero, a repetição, o contraste, e na relação com o espectador; nos debruçamos sobre a investigação dos modos de interação e criação dramática possíveis neste novo e temporário(?) formato remoto de atuação. As experimentações desse “novo” campo das tecnologias digitais se desenvolveram nas cenas, esquetes e/ou *gags* sobre temas do cotidiano de isolamento: os impedimentos de circulação, adaptações na comunicação com o outro, os planejamentos sujeitos a um dia de cada vez, uma vez depois da outra.

Parece evidente que é possível rir em tempos de isolamento. As criações digitais que exploraram nossas dúvidas acabaram gerando outras perguntas que trazem a questão que nos parece central: que implicações sofre o riso nesse deslocamento da atividade essencialmente presencial para a produção de uma dramaturgia cômica gerada através da conexão digital? No intuito de ampliar o estudo, fomos atrás do que estavam fazendo os palhaços de hospital, interditados pela crise sanitária às visitas presenciais. Como manter a conexão com os pacientes infantis internados, mediada pelas plataformas digitais, e ao mesmo tempo através dela, superar as limitações de tempo e espaço impostas à esta relação?



Grupo de Estudos Jogo do Palhaço na Quarentena – de abril a outubro 2020 (estudantes palhaços do Programa Enfermagem do Riso/UNIRIO e integrantes palhaços do Instituto Roda de Palhaço)

Assim, aqui tratamos de articular essa reflexão a partir da apresentação e cruzamento dos depoimentos de 15 integrantes, entre palhaços, pesquisadores e gestores, do Instituto Roda de Palhaço<sup>6</sup>, Grupo Roda Gigante<sup>7</sup>, Terapia da Alegria<sup>8</sup>, Operação Nariz Vermelho<sup>9</sup>, Instituto HAHAHA<sup>10</sup>, Doutores da Alegria<sup>11</sup> e O Presente Encontro<sup>12</sup> que, entre março e abril de 2021, concederam entrevistas aos estudantes bolsistas e voluntários do Programa Enfermaria do Riso, via plataforma Zoom<sup>13</sup>.

A partir do entendimento de que o trabalho no hospital deveria se dar remotamente, os grupos de palhaços enfrentaram diversos desafios para adaptação e absorção da nova linguagem. Para muitos artistas foi a primeira vez que produziram

---

<sup>6</sup>**Instituto Roda de Palhaço** organização social que atua continuamente desde 2016, promovendo o encontro de palhaços em ações artísticas e educativas direcionadas às crianças hospitalizadas, seus familiares e profissionais de saúde envolvidos no tratamento. Através de visitas, vídeos e oficinas, os palhaços criam uma dramaturgia potente em relação com a sua “plateia”, convidando-a a entrar em contato com o seu lado alegre, criativo e saudável.

<sup>7</sup>**Grupo Roda Gigante** fundado em 2009 com a missão de promover encontros saudáveis na sociedade, através da atuação do palhaço na saúde, na arte e na educação. O grupo atua no município do Rio de Janeiro desenvolvendo intervenções artísticas em enfermarias pediátricas de hospitais públicos, oficinas para profissionais de saúde, educadores e artistas, e criação e produção de espetáculos. As intervenções artísticas acontecem no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), Hospital Federal de Bonsucesso (HFB) e Hospital Municipal Salgado Filho (HMSF).

<sup>8</sup>**Terapia da Alegria** fundada em 2003, é uma associação sem fins lucrativos que tem a proposta de levar alegria e bem-estar aos pacientes internados em hospitais e asilos através da linguagem do palhaço na cidade de Maringá, no Paraná. O trabalho se resume em visitas semanais em hospitais e asilos da cidade, sendo eles: Hospital Municipal de Maringá, Hospital Psiquiátrico de Maringá e Asilo Luz Amor de Maringá.

<sup>9</sup>**Operação Nariz Vermelho** Instituição Particular de Solidariedade Social, de Portugal, constituída em 2002. O principal propósito da instituição é assegurar de forma contínua um programa de intervenção dentro dos serviços pediátricos dos hospitais portugueses, através da visita de palhaços profissionais e com formação especializada no meio hospitalar. Realizam visitas hospitalares semanais, durante 42 semanas por ano, aos 17 hospitais abrangidos pelo programa. A equipe de artistas é constituída por 25 Doutores Palhaços e nos bastidores trabalham 16 profissionais.

<sup>10</sup>**Instituto HAHAHA** organização sociocultural da sociedade civil (OSC) localizada na cidade de Belo Horizonte (MG) que promove a arte do palhaço em espaços de saúde e ambientes vulneráveis. A Organização foi fundada em 2012 por Elen Couto, Eliseu Custódio e Gyuliana Duarte, a partir da expertise de cinco anos de atuação na organização Doutores da Alegria em Belo Horizonte. Os projetos são realizados por uma equipe contratada de artistas profissionais com experiência na palhaçaria e pessoas de diferentes áreas que atuam nos bastidores. Atualmente o Instituto HAHAHA atua em 12 instituições, entre hospitais, asilos e unidades de acolhimento institucional.

<sup>11</sup>**Doutores da Alegria** organização da sociedade civil sem fins lucrativos que há 30 anos utiliza a arte do palhaço para intervir junto a crianças, adolescentes e outros públicos em situação de vulnerabilidade e risco social em hospitais públicos e ambientes adversos. Fundada por Wellington Nogueira em 1991, a associação transita pelos campos da saúde, da cultura e da assistência social. Nos encontros semanais com as crianças em 8 hospitais de São Paulo (sede) e 4 em Recife, as duplas de palhaços subvertem a rotina hospitalar e propõem novos sentidos para a experiência de internação. No Rio de Janeiro, com o projeto Plateias Hospitalares, desenvolvem a curadoria de uma programação artística permanente e gratuita em 7 hospitais públicos, ampliando as relações entre arte e saúde.

<sup>12</sup>**O Presente Encontro**, projeto da Cia Solo criada em 2013 e formada por Gabriel Sant’Anna e Martha Paiva e nascida da pesquisa dos dois artistas em torno da narração de histórias, do teatro e da palhaçaria. Trazem em seu repertório 22 contações de histórias e 6 espetáculos, apresentados em diversos festivais no Brasil, Portugal, Alemanha, República Tcheca, Bélgica e França. Desde o início de 2020 produzem e atuam nas visitas de palhaços a ILPI’s, que surge depois de três anos de trabalho similar junto ao grupo Teatro do Sopro, no projeto “Uma Bela Visita”.

<sup>13</sup> O registro das entrevistas está disponibilizado em link listado ao fim deste texto em Bibliografia.

vídeos gravados, e se deram contadas exigências de iluminação e enquadramento. As suas casas ressignificadas, abrigaram concomitantemente universos múltiplos, entre deveres domésticos, o lazer e o trabalho – transformaram-se em estúdios audiovisuais. A oportunidade de desenvolver novas habilidades foi citada por Miguel Antunes, palhaço do Operação Nariz Vermelho (ONV):

“(…) O que eu queria dizer é que, parece que isso já foi há séculos. Mas, março do ano passado, nós não sabíamos nada do que seria essa pandemia. Fomos mandados para casa. A casa era a escola dos nossos filhos, a academia, o escritório, tudo isso e mais o que inventamos, como o estúdio de gravação. Mas, de repente, o fantástico, que meus colegas já mencionaram, é que foi um período de uma aprendizagem louca. Na minha análise desse período, é que quando se faz necessário, nós podemos aprender tanto em muito pouco tempo. Isto foi absolutamente uma lição. (...)” (ANTUNES, 2021).

Mesmo com a necessidade de adaptação à duração limitada do tempo do vídeo, a minutagem pré-determinada foi fundamental para que os palhaços atuassem na essência da comunicação. Patrícia Paes do ONV completa:

“(…) O fato de nós termos 2 minutos e 35 de vídeo, para mim foi muito importante para entender a essência da palhaça Acredita, a essência da mensagem que queremos passar. E a essência do humor. (...) foi algo muito interessante de descobrir, que adoro escrever roteiros. Gosto muito disso porque também gosto de ilustrar, e ilustrar é ir na essência das coisas. Então, eu estava descobrindo a essência da Acredita e a força de um gesto, de uma expressão, como a Patrícia estava dizendo. E também descobrir a essência dos meus colegas. Estou lembrando de uma coisa maravilhosa. A era digital que agora estamos vivendo, na verdade, é mais reveladora do que nunca, nos expõe profundamente. Passado algum tempo eu percebi o quanto me expus e o quanto conheço tão bem os meus colegas do norte, por exemplo, que eu não conhecia. Enfim, essa revelação eu também acho muito interessante. (...)” (PAES, 2021)<sup>14</sup>.

Assim, através das limitações, descobriram-se possibilidades como assistir a gravação da sua própria atuação e uma nova perspectiva de si mesma em jogo. Patrícia Ubeda, do ONV, comenta:

“(…) Outra coisa que ficou clara: como a Charlotte se movimenta, como a Charlotte se relaciona com o olhar, como a Charlotte desenha o estado no corpo. É claro, nós treinamos, nos preparamos de diversos modos, mas estando lá no hospital nós nunca nos vemos jogando. (UBEDA, 2021).

A partir desta nova percepção, os palhaços puderam realizar ajustes. O vídeo gravado surge como potência reveladora de uma exposição ampliada, que desdobra uma nova relação do palhaço com a dramaturgia do cômico. Ele entende que a produção do

---

<sup>14</sup> O trabalho *online* possibilitou a interação entre palhaços de outras regiões. Na ONV são 26 palhaços divididos entre o norte e o sul de Portugal. Por conta do trabalho remoto, eles puderam conhecer os universos uns dos outros o que, no modo presencial, não aconteceria. Isso também ocorreu com os Doutores da Alegria.

riso acontece em diversas frentes, desde o trabalho de limpeza, precisão e pontuação do movimento, até o modo de edição do vídeo, que se estabelece como um verdadeiro co-criador da dinâmica de comichão.

Alguns palhaços identificam maior gasto de energia na atuação *online*. Parece que no atravessamento da tela há um esforço extra para que a comunicação se estabeleça. Guilherme Miranda, do Roda de Palhaço e Gyuliana Duarte, do Instituto HAHAHA apontam, nesse sentido, sobre suas experiências:

“(…) Cansa muito. Cansa muito. Porque você vai pegando o embalo e de repente trava, cai a conexão. Volta, e já não está mais na criança, já está na mãe, “não pera aí, deixa eu ver se volta”. Então a conexão cai de novo. Aí quando volta, já está no corredor, com outra criança porque onde estava, o sinal tinha caído demais. Para você ir renovando essa energia(…)essa coisa de dizer que agora temos mais tempo é uma mentira, temos cada vez menos tempo, porque você tem casa, filho, comida, vida, né? Você tem que se preocupar com tudo. Todo o trabalho migra para a sua casa, então são 24h por dia. (…)” (MIRANDA, 2021)

“(…) Estar com o paciente à distância teve um processo longo de aceitação. Não sentimos o calor, às vezes não tem retorno, não sabemos o que está em jogo, o paciente permanece calado e ficamos sem saber se gostou ou não, então, sempre temos que nos alimentar. A energia tem que ser ampliada, a escuta tem que ser muito mais ampliada e é um outro tipo de atuação, pois há esse limite aqui.” (DUARTE,2021)

Os olhos do palhaço adquirem grandes proporções na janela virtual e desempenham papel fundamental no diálogo com o paciente. É um olhar estratégico, pois para que a criança o receba na sua direção, é preciso direcionar seus olhos para a câmera do tablet, celular ou computador, e não para a imagem da criança na tela. Quer dizer, para olhar a criança, o palhaço não pode olhar a criança.

Com a repetição da prática, aspectos que já apresentavam relevância na atuação presencial necessitaram ser repensados. As pausas e silêncios no movimento e/ou na fala do palhaço, no vídeo, não tinham a mesma leitura e eficácia. Quer dizer, permanecer mudo e congelado é sinal de algum problema na conexão e, rapidamente, está perdido o tempo-ritmo. Outro ponto levantado por Patrícia foi em relação a clareza do jogo do palhaço e da fala:

“(…) A estrutura do jogo tem que estar muito clara para a criança perceber do que se trata: “ok, ele tem um dinossauro, ela tem medo do dinossauro”. Pronto, esse é o jogo. Não deslocamos para outro lugar. Esse é o jogo, foca nisso. “Ah, ela quer cantar e ele não deixa”. Pronto, é esse o jogo. Outra coisa que é muito importante: foco de fala. Não adianta os dois falarem juntos, porque não se entende. Então um fala: “Migas, você quer tal coisa ou não quer?”. Espera. Fica em silêncio. Até porque tem *delay*. Então, Migas de repente vai falar: “Ô Charlotte, achei que não ia me perguntar”. Sabe assim, esse pingue-pongue tem que ser muito claro e acho que ele vai ser muito bem

vindo no hospital quando a gente voltar presencialmente. Porque essa clareza no corpo, na intenção, na estrutura do jogo e nas falas limpam o jogo e nós vemos a máscara do palhaço.” (UBEDA, 2021).

Sem esquecer as balizas que os atendimentos nesta nova metodologia enfrentam, as limitações na atuação presencial, como o uso restrito de objetos, se transformam num arsenal infinito de novos recursos disponíveis, como bem exemplifica Miguel Antunes:

“(…) Com a ONV no hospital, tínhamos o jaleco com poucos objetos. E agora temos um mundo de possibilidades. Podemos ter aqui em nossa mesa muitas coisas, podemos ter um fundo especial que pode ser mudado. Outras possibilidades que se abrem. E é isso que nós estamos descobrindo” (ANTUNES, 2021).

Ainda sob essa ótica, Gyuliana Duarte complementa e nos relata sobre a “visita mútua” que acontece pela interseção de espaços virtuais:

“(…) Assim como a gente entra na casa dos pacientes, os pacientes também entram na casa do palhaço. Então, o palhaço entra no chuveiro, brinca com o cachorro, abre a porta da geladeira porque a criança quer ver qual comida ele come, o palhaço frita um ovo para sair um pato de dentro do ovo, o palhaço toca o piano, corta a grama, entra no carro e dirige até porque a criança estava louca para ir ao shopping! (...)ele começa a entender que não é somente esse quadrado, mas ele tem o mundo, a casa dele, onde antes a gente só tinha nosso jaleco para trazer as mágicas e as possibilidades.... Agora, ele tem a casa dele como possibilidade de jogo. (...) quando você tem uma teleconsulta muito fechada, a coisa fica às vezes meio “xerenguem”, o palhaço sentado, apenas num lugar. Os palhaços organizam e montam o consultório. Eles organizam um espaço na casa que seja o consultório do doutor. Então, você tem a mesa cheia de objetos, um cenário atrás, uma estrutura que se cria. E isso vai além. E quando se descobre isso, é muito bom. (...)” (DUARTE, 2021).

A casa do palhaço é ferramenta de comunicação e jogo. A mesa de apoio é o bolso do jaleco, dispondo objetos, bugigangas, figurinos e instrumentos possíveis para o improviso. Na experimentação de novas linguagens dentro da plataforma digital, através da utilização de filtros, por exemplo, os palhaços se transformam em desenhos animados, se transfiguram em animais, podem se teletransportar em segundos para outras geografias e universos.

A produção de vídeos protagonizou o modo de conexão num primeiro momento. A maioria dos artistas não demorou a aderir a esse formato. Aproveitando o repertório já existente, Júlia Schaeffer, do Roda de Palhaço, afirma que a adesão as plataformas foi o pontapé inicial para o início da produção.

“(…) Nós já queríamos abrir um canal no *Youtube*, falávamos disso, de ter também uma perna aí, mas não tínhamos tempo, e foi meio que nessa reinvenção que percebemos “então tá, agora temos material, vamos lançar o canal”, e começamos a viabilizar.” (SCHAEFFER, 2021)

Da compreensão do comportamento dos algoritmos e formatos utilizados em cada rede social até o estudo da câmera, a maioria é unânime em afirmar que o trabalho triplicou. Em consenso com o Roda Gigante, Diogo Cardoso expõe que

“(...) estamos trabalhando muito mais do que trabalhávamos no hospital, porque no hospital nós acordávamos, fazíamos o trabalho e acabou. Agora é roteiro, enquadramento, fazer o vídeo em dupla ou individual, cada um tem uma estratégia diferente.” (CARDOSO, 2021).

Para aqueles que já flertavam com a linguagem, uma vantagem; mas para quem não sabia “nem fazer *stories* no Instagram”, se tratou de enorme desafio, conta Layla Ruiz, palhaça do Doutores da Alegria:

“(...) Depois comecei a amar editar, eu perdi o medo. Essas coisas de outra geração que eu não sei fazer, eu não faço nem *stories*. No meu Instagram eu posto a cada 2 meses. Eu sou bem analógica.” (RUIZ, 2021)

Na busca da conexão com seu público, cada grupo definiu uma programação virtual: desde “Delivery Besteiroológico” do Doutores da Alegria, “Plantão HA HAHA” do Instituto HAAAAHA, “BOBO Canal” do Instituto Roda de Palhaço, até “Ó o Correio!” de O Presente Encontro e “Palhaços na Linha!” do Operação Nariz Vermelho, todos tentaram fazer do ambiente digital, um aliado cada vez mais próximo. Para isso, articularam-se maneiras diversas no estudo dos modos de distribuição do material audiovisual produzido, para que as centenas de vídeos pudessem chegar ao público hospitalar, sempre com o apoio dos profissionais que estão dentro dos hospitais. Alguns optaram pela criação de listas de transmissões no *whatsapp* ou o compartilhamento de *QR Codes* em cartazes espalhados pelo hospital para facilitar o acesso aos vídeos publicados em seus respectivos canais de *Youtube*.

E foi na investigação de um modelo que se aproximasse mais da essência do trabalho no hospital, que os palhaços foram chegando ao que nominam atualmente de teleatendimento: o palhaço se comunica ao vivo com a criança e a relação entre eles se estabelece diretamente. Mas ainda que estejam disponíveis os *tablets*, a internet, e o palhaço, tudo isto não poderá ser usufruído se não houver, do outro lado da tela, alguém que se disponibilize a fazer a intermediação, ou seja, levar o equipamento até a criança. Na verdade, é como se aqueles que conduzem as telas fossem as pernas do palhaço, como brinca Layla Ruiz. Para ela, essa formação é o novo trio, pois eles acabam interferindo, direta ou indiretamente, no jogo com cada criança. Thiago Quites, do Operação Nariz Vermelho explica



“(...) Você a colocamos elemento do jogo. E ela te dá o retorno também do que está acontecendo lá. Porque é isso, nós temos a imagem chapada, não sabemos o que está acontecendo em volta. Então essa pessoa que está nos guiando é muito importante porque ela vai nos colocando naquele lugar. Então ela conduz o jogo junto com você. (...) Elas são o terceiro palhaço.” (QUITES, 2021)

“(...) um suporte de soro, que tem um tablet, e um roteador de internet. A equipe, as duas educadoras que estariam conosco no hospital, e a enfermeira que é nossa porta de diálogo. (...) não tem nenhum contato da criança com esse material. Tudo isso foi pensado porque eram questões fundamentais e básicas para nós entrarmos com o Palhaço na Linha! Porque se não tivesse total segurança de saúde seria impossível. Se um tablet passasse de mão em mão seria inviável para a situação.” (UBEDA, 2021)

Ainda que experimentem o teleatendimento utilizando essa estrutura para carregar o equipamento que imita um robô, as engenhocas precisam ser deslocadas por uma pessoa. Com o Roda de Palhaço, a iniciativa partiu do colaborador de saúde, na tentativa de manter sua função no hospital. E o grupo se adaptou à sua disponibilidade.

“(...) Ele tinha a ideia de construir um boneco, um robô, chegamos a atuar com um boneco que chamávamos de boboneco, robôneco (...)” (SCHAEFFER, 2021)

No Doutores da Alegria, a relação com esses “braços e pernas ambulantes”, não foi diferente, cada hospital manteve uma dinâmica própria. Layla esclarece as parcerias:

“(...) nós ficamos dependendo muito dessa pessoa parceira maravilhosa que nos leva. (...) São duas visitas no mesmo dia e nós aceitamos a dinâmica que é possível, então, não tem mais dia ou horário... (...) geralmente são profissionais da Terapia Ocupacional, o brinquedista, alguém da humanização. São pessoas que estavam com muito banco de horas, porque estavam sem trabalho. Com a brinquedoteca fechada você não tem o que fazer. São profissionais que estavam meio à deriva. (...) assim começamos a fazer o atendimento *online*; mantivemos as duplas e fomos experimentando. Assim, do nada, sem muita referência... assim como todo mundo.” (RUIZ, 2021)

Para alguns grupos, até mesmo a marcação de uma consulta virtual com o doutor palhaço de plantão se tornou possível:

“(...) toda semana tem um médico palhaço de plantão, as terças, quartas e quintas, de 9h às 12h, e esse palhaço liga, entra em contato e atende também quem agendou. Portanto, tem criança que deixa um áudio “Palhaço, quarta-feira você me liga às 9h? Eu vou estar com minha mãe” – quando é criança ou adolescente, nós pedimos um acompanhamento, não pode ser atendido sozinho – “aí você me liga, Palhaço? Eu estou com saudades”. (DUARTE, 2021)

Para o projeto O Presente Encontro, a distância de seus interlocutores revelou-se um desafio ainda mais complexo. As visitas são realizadas em Instituições de Longa Permanência para Idosos, as ILPIs, onde os receptores lutam contra deficiências

auditivas, visuais e cognitivas. Aqui o reconhecimento do impacto dos vídeos produzidos e enviados foi incentivo imperioso para a continuidade das atuações. Na busca minuciosa por soluções, o projeto chegou à figura do carteiro, que resgata reminiscências do público residente nessas instituições. O integrante que realiza a visita presencial tem a função de conduzir o *tablet* pelos quartos e corredores e entregar os telegramas virtuais direcionados a cada idoso, acionando as vídeochamadas com o palhaço. Gabriel Sant’Anna assinala:

“(…) a figura do carteiro que é alguém de dentro da equipe que está lá para levar o *tablet*, pode, não apenas fazer a primeira abertura com o idoso para receber a relação ali com o palhaço, mas também dar esse retorno como nós estávamos precisando. (...) É sobre uma mudança de respiração, um pé que mexe, uma palavra que ele balbuciou e quem está em casa não percebeu.” Então isso eu acho que foi o grande passo que conseguimos dar, para o formato mais próximo possível do formato original, que é o trabalho relacional.” (SANT’ANNA, 2021)

É fato ainda que a estabilidade da conexão continue a ser um dos maiores desafios para a execução nesse formato, mas cada grupo de palhaços vai descobrindo, gradativamente, as estratégias adequadas para executar a ação remotamente e contornar os problemas. Ainda esbarrando nas questões técnicas, foi preciso compreender melhor sobre consumo dos pacotes de dados, considerando um público que dispõe de linhas pré-pagas, o que limita o acesso aos conteúdos virtuais. Para Diogo Cardoso, é necessário conhecer, pesquisar o universo da virtualidade e enfrentá-lo. Os complicadores são inúmeros, é verdade, imagem travada, conexão interrompida, som com interferência, mas para o palhaço, tudo pode se tornar recurso para o jogo.

Para o grupo Terapia da Alegria, as dificuldades de acesso à uma rede de internet estável, impossibilitaram os teleatendimentos.

“(…) Nós tentamos fazer uma visita assim e já começou a dar problema. As paredes do hospital são largas e grossas, começou a cortar o sinal. (...) não é qualquer operadora que pega bem. Às vezes a minha pegava bem e a do paciente não.” (ZANONI, 2021)

Por isso, o esforço em continuar atuando nos hospitais se traduziu na distribuição de outros materiais, como os marca páginas, ou CDs com músicas autorais que brincam com elementos desse universo:

“(…) Eu tenho um remedinho que não custa nada não/ Ele é muito bom não tem contraindicação/ Pra dor de cabeça e dor de barriga / Dor no joelho e dor na bexiga / Rir, Rir é o melhor remédio/ Rir, Rir é o melhor remédio”<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup>Remedinho, de Alexandre Penha.

No Diário de Bordo, livro de relatos das histórias vividas no hospital, Hudson explica:

“(...) Chamamos de Diário de Bordo porque ele traz os 31 dias do mês, para você ler um por dia. (...) Quisemos fazer assim monocromático, poucas cores, porque sabíamos que as crianças iriam desenhar, colorir o livro”; e também cartões postais endereçados a quem aguarda, lá dentro, por uma notícia ou um procedimento.” (ZANNOTI, 2021)

Os problemas se multiplicam quando abordamos os hospitais públicos do país, onde é impossível não perceber imediatamente o abismo social, mesmo em uma rápida visita. No trabalho remoto, ele é ainda mais visível. Layla conta que embora o Doutores da Alegria tenha conseguido a doação de *tablets*,

“(...) estamos falando de Brasil, hospital público, periferia. Os hospitais não tem rede *wi-fi* linda e maravilhosa, nem um *tablet* para cada criança. Nós vemos que às vezes eles não tem recurso nem para o esparadrapo, é bem difícil. Assim, buscando precaver-se de alguns dos problemas possíveis, o Doutores gera o *link* e passa para o hospital, fornece o *tablet* com 4G; tudo isso para dar um respaldo, para tornar possível essa tecnologia nos hospitais.” (RUIZ, 2021)

O Roda Gigante, que optou pela distribuição de seus vídeos através das listas de transmissão, compartilha um retrato da realidade social. Na entrada do grupo no CAPSI<sup>16</sup>, Florência Santangelo conta:

“(...) eu mandei um texto e recebi um áudio em resposta: ‘olha, eu não sei ler, preciso que você me mande um áudio’. Olha o grau, quando falamos do abismo... o abismo passa por aí também.” (SANTANGELO, 2021)

Com orçamento viabilizado, em sua maioria, a partir da lei Rouanet, Leis Municipais e Estaduais, a captação de recursos dos grupos se vê ameaçada nesse momento crítico, pois

“(...) as leis estão super rigorosas nas alternativas possíveis para substituir o trabalho presencial. No ano passado, como foi um susto para todo mundo, as leis aceitaram esse modo remoto como readequação. Agora, está muito mais complicado que ano passado, é como se não trabalhar presencialmente no hospital fosse um desejo nosso. É uma condição né? Não dá, não pode.” (RUIZ, 2021)

Desta forma, as estratégias de produção no trabalho remoto realizam além dos vídeos e teleatendimentos, *livespodcasts* temáticos direcionados ao público externo, ampliando o alcance de sua audiência. A multiplicidade de formatos inaugura a habilitação em novas ferramentas. Cada artista tem seu repertório. Todos aprendem novas linguagens, “na marra”, conclui Layla. “As soluções encontram dias de fôlego”, como desabafa Gabriel, quando considera a volta as visitas presenciais, celebrando o sucesso do que está funcionando.

---

<sup>16</sup>Centro de Atendimento Psicológico.

O Instituto HAHAHA afirma o desejo de atuar nos dois campos, pois embora a relevância do trabalho presencial seja indiscutível, as ferramentas desenvolvidas na atuação remota ampliam as portas de entrada no hospital em condições antes inimagináveis. O Consultório HAHAHA, que realiza as marcações através do *whatsapp* institucional permite o atendimento virtual a qualquer hora:

“(...)Às vezes a criança está triste e nós podemos fazer um plantão à noite, de 18h às 20h, 21h. E a criança pode ligar. Porque a noite no hospital, quando atendemos, é uma solidão... e a criança pode ligar para palhaço. Possivelmente, o plantão vai continuar.” (DUARTE,2021)

Para o Operação Nariz Vermelho, há a oportunidade de expansão das atuações, já que contam com duas equipes em Portugal.

“(...) seria preciso criar um núcleo, o que acabaria inviabilizando porque, primeiro, isso impacta em recursos financeiros e também na mobilização e criação de uma estrutura artística naquela determinada região. Então o Palhaços na Linhapassa a ser uma oportunidade de teste para chegar a mais crianças em outros hospitais em que nós não podemos estar realizando a visita presencial. (UBEDA,2021)

Gyuliana Duarte destaca a necessidade de transição gradual:

“(...) vamos voltar em uma instituição e em outra não. Sabemos que na instituição onde estaremos de volta, possivelmente não vamos conseguir atender todas as alas que atendíamos. Assim outras alas que não forem atendidas presencialmente, poderão usufruir da teleconsulta agendada. Estamos pensando nisso, imaginando que, possivelmente, não vai dar pra atender tudo no presencial, por conta de regras da instituição (...)” (DUARTE, 2021)

Para os Doutores da Alegria, esse momento de discussão ainda não chegou:

“(...) Aqui é nosso palco agora. (...). Acho que todo mundo está ávido pela volta ao presencial, mas não sei quanto dessa prática virtual vai ficar instituída, sabe? (...) O que eu sinto nas conversas, pela própria prática, é que nós descobrimos alguma outra coisa dessa experiência coletiva. (...) Eu tenho até curiosidade, é uma escolha. Estamos indo já para o segundo ano, tem gente fazendo aniversário pela segunda vez. Estamos no *repeat* já, que louco.” (RUIZ, 2021)

A transposição das barreiras físicas e geográficas soma outro ganho inesperado a essa experiência. Os vídeos produzidos parecem servir também à apresentação do trabalho, que antes ficava circunscrito aos hospitais, para o público em geral. Instrumentalizam-se as estratégias de comunicação dos grupos. Gyuliana considera:

“(...)temos vontade de continuar os vídeos, mas não sabemos se será com essa frequência, entende? Na verdade, não precisa ser com essa frequência. Podemos elaborar roteiros maiores, criar uma novela, mas não precisa ser com essa frequência de duas vezes por semana.” (DUARTE, 2021)

Se nas conversas sobre teleatendimento, todos os entrevistados apontaram a instabilidade da internet como principal entrave para a atuação remota, igualmente pontuaram sobre a importância de não perder a conexão principal: aquela humana, que é guia no jogo do palhaço que busca na relação com o outro, os motivos para a sua própria existência.

Foi preciso escolher uma plataforma adequada, conseguir os equipamentos e uma estrutura movente que pudesse ser deslocada pelo espaço hospitalar, estabeleceram parcerias dentro da instituição, porém, o maior de todos os desafios foi justamente a adaptação do próprio jogo do palhaço a esta nova realidade, sem contato físico com sua dupla (ou até mesmo em atuação solo), distantes do paciente e cujas relações são intermediadas pela tela eletrônica.

A dúvida do palhaço é a mesma que está no cerne do nosso estudo: é possível manter a qualidade de comunicação que o jogo do palhaço proporciona, na atuação remota? Em unanimidade, eles afirmam que, apesar dos desafios e das adaptações necessárias, a conexão humana permanece! Tiago Quites e Miguel Antunes percebem como chegam às crianças e criam elos, através das plataformas virtuais.

“(...) Sempre me perguntava assim: será que isso realmente funciona, do palhaço na tela, *online*, com a criança? E você vai vendo que a cada dia você consegue construir um elo, ou um encontro muito preciso, muito claro, muito objetivo com essa criança (...) (QUITES, 2021)

“(...) O fato é que as telas estão no dia-a-dia das crianças, elas estão muito habituadas a terem os *tablets* e as telas. Então, por esse lado, há já um hábito para lidar com esse meio. Mas, para nós, para nosso trabalho que é de improviso, especificamente para aquela criança que encontramos, foi um desafio enorme. E, para mim, foi uma surpresa o quanto que nós, mesmo nesse meio, conseguimos perceber e chegar à criança (...)” (ANTUNES, 2021)

São preciosos os relatos de momentos nos teleatendimentos. Layla conta da inesperada interferência do filho em uma atuação, realizada de casa, e que chamou atenção do paciente infantil. O jogo se instaurou entre os três.

“(...) Ele apareceu aqui atrás quando eu estava fazendo o atendimento. Passou aqui atrás achando “ah, ninguém tá me vendo” (...) Aí o menino viu e perguntou “quem tá passando?” E aí o Joaquim ficou brincando de ficar passando. (...) foi a própria criança que percebeu e se tornou um jogo. “Passou uma coisa atrás de você”. “Onde?”. E eu virava, fazia esse jogo bobo. Este foi um dia totalmente do imprevisto, da vida real, nessa ficção que nós propomos no encontro virtual (...) (RUIZ, 2021)

Gabriel Sant’Anna lembra um momento íntimo e afetuoso entre uma das idosas atendidas e a Palhaça Dondoca (Martha Paiva) que estava *online* na tela do *tablet*.

“(…) Essa idosa foi o último jogo que Martha fez. E foi lindo, porque ela conversou, mesmo estando muito mais debilitada fisicamente, ela se conectou totalmente com o que Martha estava propondo e aconteceu um jogo lindíssimo, muito amoroso, como se não houvesse o distanciamento ali. Eu vi como se elas estivessem uma diante da outra. Ela olhava bem para a tela, ela estava enxergando muito bem, estava ouvindo muito bem, e elas estavam ali, trocando. (...) Foi legal porque ela contrapôs toda a imagem que ela estava mostrando, de um físico muito debilitado, mas com uma alma disposta ao jogo, disposta a interagir, disposta a se relacionar. (...) (SANT’ANNA, 2021)

Julia Schaeffer, pontua um momento especial de conexão com uma criança:

“(…) Sabe essa brincadeira que muita gente faz no vídeo, de passar algo para o outro através da tela?! Eu peguei minha boneca e a criança tinha uma também. Começamos um papo sobre minha boneca que não me obedecia. Aí eu passei a minha boneca em direção a tela e falei “você pode ficar com ela?”. (...) “chegou aí?”, e ela disse “chegou!”. Eu quase chorei! Falei “você me dá a sua, então, para me fazer companhia enquanto a minha está aí?”. Ela falou “não, você me deu porque quis”. E eu: “é que eu estou sozinha. Você pode me devolver a minha?”. Ela me devolveu [pela tela]! E eu peguei! (...) Quer dizer, tem uma magia, a mesma que nós também sentimos presencialmente no hospital. (...) (SCHAEFFER, 2021)

Patrícia Paes completa em relato sobre a participação da criança que ela atendia.

“(…) A relação que tenho com Dr Custódio é de muita picardia, nós discutimos muito, então eu me irritava e balançava o boneco e, na tela ao lado, ele [o Dr Custódio] se balançava. Era uma coisa meio vudu. Então ele desapareceu da tela e eu comecei a fazer uma respiração boca a boca no boneco. E vejo que a menina estava também a soprar a tela. Claro que para nós isso é ouro. É tipo “ai meu deus como que de repente isso é real?”. O que nós queremos é a participação da criança. Então eu disse “estou cansada, quer ajudar?”, e posicionei o boneco encostado na tela e a criança soprando (...) Isso é um exemplo espantoso para mim, muito bonito. Isso da conexão humana.(...) (PAES, 2021)

Nesse sentido, Gyuliana Duarte sublinha momentos de conexão inusitados entre um dos palhaços do grupo, DrMulambo (Fernando Oliveira), e seus pacientes.

“(…) Isso do shopping aconteceu com um paciente lá de Ipatinga. O A. estava triste porque ele queria ir ao shopping e tinha muito tempo que ele não ia, é um paciente oncológico. O Mulambo pegou sua camionete e veio para o Boulevard Shopping, enquanto o Arthur acompanhava pelo celular. Temos registros e vídeos desse momento. Arthur não acreditava “ele vai me levar no shopping?!!”, o Mulambo estava achando que o shopping estaria aberto e esqueceu que só abriria no período da tarde, e aí o Mulambo ficou jogando com o segurança da porta, um homem forte, pedindo por clemência, ajoelhou para que o A. entrasse no shopping. Houve um jogo com esse segurança. O A. rachando de rir, não acreditava. O Mulambo é desses que entra no chuveiro porque o paciente está sem tomar banho (...)” (DUARTE, 2021)

O jogo do palhaço, possível através da conexão digital, obriga a agir no aqui, no agora, rapidamente e de verdade, conectado ao que se passa do outro lado da tela. O que parece é que se instaura uma qualidade de presença outra, uma presença virtual! Como afirma Patrícia, o encontro acontece em um espaço inventado e imaginado

coletivamente, pelos palhaços, pacientes e educadora/terapeuta/enfermeira, ou quem quer que esteja carregando o *tablet*:

“(...) Como é bonito de repente sentir que estamos todos numa espécie de *trip*, porque é isso que parece. Um mundo criado pelos palhaços, pela criança e pela educadora<sup>17</sup>. Então quem entra na sala deve achar estranho. Mas eu sinto que nós criamos um mundo muito bonito, idiota, absurdo, o que for, em conjunto. É mesmo engraçado isso. (...)” (PAES, 2021)

Por isso, quando os artistas entrevistados afirmam, com convicção, que o retorno para os atendimentos presenciais dos palhaços nos hospitais é certo ao fim da pandemia, da mesma forma, reconhecem que a experiência com os teleatendimentos se desdobrará em novas possibilidades ecanais para a ampliação do público e espaços atendidos. O processo de adaptação para as plataformas digitais que cada organização tem experienciado aponta como consequência a naturalização dos eventos *online*, o que coloca os teleatendimentos como uma possibilidade real e aceitável.

Os modos de fazer dos palhaços em hospitais sofreram inúmeras mudanças desde o início da pandemia e, imaginamos, muitas ainda se darão no período pós-pandêmico que parece se aproximar. A sensação que permanece é que o palhaço, presente e risível e, neste caso, promotora experiência do riso na saúde e para a vida, seja em que plataforma virtual atuar, trará no seu fazer a urgência da insubstituível (e resiliente) conexão humana!

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elza Maria Ferraz de. **Mecanismos de comicidade na construção do personagem**: propostas metodológicas para o trabalho do ator. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, UNIRIO, 2003.

BERGSON, Henri. **O riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DE MARINIS, Marco. **Comprenderel teatro**: lineamientos de una nova teatralogía. Buenos Aires: Galerna, 1997.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

SCHAEFFER, Julia; MIRANDA, Guilherme. **Instituto Roda de Palhaço**: [www.instagram.com/rodadepalhaco/](http://www.instagram.com/rodadepalhaco/), 2021.(último acesso em 14/08/2021 às 20:29)

---

<sup>17</sup>A função da “educadora” nos hospitais em Portugal corresponde a da “terapeuta ocupacional” nos hospitais brasileiros.

ALCANTARA, Ieda, ANTUNES, Miguel, PAES, Patrícia, UBEDA, Patrícia e QUITES, Thiago. **Operação Nariz Vermelho:** [www.instagram.co/operacaonarizvermelho\\_oficial/](http://www.instagram.co/operacaonarizvermelho_oficial/), 2021. (último acesso em 14/08/2021 às 20:32)

ZANONI, Hudson. **Terapia da Alegria:** [www.instagram.com/terapiadaalegria/](http://www.instagram.com/terapiadaalegria/) 2021. (último acesso em 14/08/2021 às 20:33)

SANTÁNGELO, Florência, CARDOSO, Diogo e INÁCIO, Éber. **Roda Gigante:** [www.instagram.com/roda.gigante/](http://www.instagram.com/roda.gigante/), 2021. (último acesso em 14/08/2021 às 20:34)

RUIZ, Layla. **Doutores da Alegria:** [www.instagram.com/doutoresdaalegriaoficial/](http://www.instagram.com/doutoresdaalegriaoficial/), 2021. (último acesso em 14/08/2021 às 20:35)

DUARTE, Gyuliana. **Instituto HA HAHÁ:** [www.instagram.com/institutohahaha/](http://www.instagram.com/institutohahaha/), 2021. (último acesso em 14/08/2021 às 20:36)

PAIVA, Marta e SANT'ANNA, Gabriel. **O Presente Encontro:** [www.instagram.com/opresenteencontro/](http://www.instagram.com/opresenteencontro/), 2021. (último acesso em 14/08/2021 às 20:36)

Link para acesso às entrevistas:

[https://drive.google.com/drive/folders/1kQxkWPgmWpg\\_alW2yCl86uoiztCl\\_JMD?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1kQxkWPgmWpg_alW2yCl86uoiztCl_JMD?usp=sharing) (último acesso em 14/08/2021 às 20:28)